

A EXPERIÊNCIA DE DAR MÁ NOTÍCIA DE UMA MORTE THE LIFE EXPERIENCE OF GIVING BAD NEWS

Sarah Pontes de Barros Leal

Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Uma das situações que me foi mais marcante até agora no percurso da faculdade aconteceu em um plantão no Hospital Geral de Fortaleza (HGF). Geralmente, eu nunca assisto a cirurgias, fico mesmo na emergência clínica. No entanto, nesse dia, ao chegar, alguém comentou que havia um caso interessante: era uma senhora, dos seus lá 70 anos, que chegara ao hospital com trombose das duas pernas e seria submetida à cirurgia para retirada dos tais trombos. Então, me perguntaram se eu não gostaria de subir e entrar no centro cirúrgico. Era uma situação nova e eu, com curiosidade, fui.

O cirurgião vascular avisou a família dos riscos do procedimento: na realidade, aquela era a última tentativa, as chances eram pequenas.

Logo de início amputaram as duas pernas da senhora e começaram a tentar extrair os trombos através de um cateter nas ilíacas. Sem sucesso. O cirurgião resolveu tentar a via abdominal. Ele dizia que era quase impossível, mas que tentaria de tudo, sem aquilo ela já certamente morreria. Ao abrir o abdome, a sala foi invadida por um “*cheiro de morte*”, inconfundível segundo o cirurgião. Eles ainda tentaram, mas a isquemia era também

mesentérica e, após 3 horas e meia, deram-se por encerrados os esforços. A sala de cirurgia, na qual há tanta descontração, na tentativa de minimizar o sofrimento, calou-se por alguns segundos. Ela não iria mais acordar.

A expressão de derrota, o caído dos ombros como se lhes pesasse o mundo inteiro, o médico foi dar a má notícia. A filha chorava duvidosa da conduta tomada, não queria aceitar. E ele se mantinha de uma ternura firme que eu não vou mais esquecer. Com toda paciência, explicava outra vez, e em seus olhos, mostrava que sentia também.

Eu fui pra casa chorando, chorando, chorando. Era em mim uma profusão de dores, de medos, de orgulhos. A morte que eu era agora não sei se convidada, mas lançada a conhecer era dura e demorada. Eu me senti sozinha e pequena, desesperada nesse oceano desconhecido que é a vida e a Medicina pra mim. Não sei se era medo da morte, se era saudade da vida, com diria Vinicius. O que sei é que era enorme, e que foi difícil fazer com que coubesse em mim com a mesma ternura firme com que coube na voz e nos olhos daquele cirurgião.

Conflito de Interesse: Não declarado

CORRESPONDÊNCIA:

Sarah Pontes de Barros Leal

E-mail: sarahpbl@yahoo.com.br